

## **VERSÕES DA ESCRAVIDÃO NO ENGENHO DO CALIXTO/PA/BRASIL: DA ESCRITA DE ALFRED WALLACE (1879) ÀS NARRATIVAS ORAIS DOS DESCENDENTES DE ESCRAVOS**

Adão Souza Borges  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

José Guilherme dos Santos Fernandes  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

### **RESUMO:**

O presente artigo discorre a cerca das narrativas dos descendentes de escravos do engenho do Calixto/PA e das narrativas escritas pelo naturalista Alfred Russel Wallace. Essas narrativas assumem o caráter no presente estudo de versões, a partir da memória dos descendentes do engenho, com ancoradouro teórico-metodológico da História Oral, percebendo suas interações e divergências a partir das narrativas orais.

**Palavras-chave:** Engenho do Calixto; Narrativas orais; Versões.

### **ABSTRACT:**

This article talks about the narrative of the descendants of slaves ingenuity Calixto / PA and narratives written by the naturalist Alfred Russell Wallace. These narratives take on the character in the present study of versions, from the memory of the descendants of the plantation, with theoretical and methodological anchorage of Oral History, realizing their interactions and differences from oral narratives.

**Keywords:** Ingenuity of Calixto; Oral narratives; versions.

### **1. Introdução**

O termo oralidade não só tem sido fundamental para satisfazer a necessidade que temos de nos comunicar com os demais em todas as atividades do cotidiano como também tem permitido exteriorizar nosso mundo interior, nossos sentimentos e nossas emoções, e para isso tem-se utilizado a palavra com um indispensável para que isso aconteça.

Transmitidas de boca em boca, pelas diversas vezes repetidas, chegou até nós aquilo que hoje denominamos de histórias, as narrativas orais. Numa transmissão tecida ao longo do tempo, a experiência humana vem sendo intercambiada pela voz, de pessoa para pessoa, de pais para filhos, sem cair no esquecimento. Nas sociedades sem escrita a oralidade é o único meio de comunicação, as narrativas orais são a maneira própria de essas sociedades transmitirem seus valores e seus sentimentos aos mais jovens. Por meio dessas formas, tais

como mitos e lendas que se transmitiram e se transmitem chegaram até nós as experiências, os conceitos e os valores sociais.

Walter Benjamin (1994) observa que a fala possibilita a percepção de um mundo que está em nós e com o qual nos identificamos; ela nos dá a concepção do real que se incorpora em nós, tornando-se exemplo de experiência e de sabedoria.

Jean-Pierre Vernant em seus estudos sobre os mitos na Grécia Antiga destaca que, entre os gregos, a tradição oral era exercida de boca em boca, nas casas, principalmente através das mulheres, sendo estas as responsáveis pela transmissão das narrativas mitológicas às crianças e a quem eram contadas como um meio de guardar as tradições e os saberes daquela sociedade.

Como se conserva e se transmite, na Grécia, essa massa de “saberes” tradicionais, veiculados por certas narrativas, sobre a sociedade do além, as famílias dos deuses, a genealogia de cada um, as aventuras, seus conflitos ou acordos, seus poderes respectivos, seu domínio e seu modo de ação, suas prerrogativas, as honras que são devidas? No que concerne à linguagem, essencialmente de duas maneiras. Primeiro, mediante uma tradição oral exercida de boca a boca, em cada lar, sobretudo através das mulheres: contos de amas-de-leite, fábulas de velhas avós. (VERNANT, 2006, p. 15)

O estudo das oralidades dos descendentes de escravos do engenho do Calixto prima pela busca da visibilidade desses sujeitos enquanto portadores de saberes, culturas e tradições, inclusive pela garantia da terra onde habitam como herança, apesar de agora, disputada por fazendas, empresas de extração de caulim e monopólios de dendê que, aos poucos, subtraem daquela gente seus plantios de roças e demais recursos naturais de uso coletivo a favor da produção econômica multinacional, como por exemplo, o que vem sendo feito com o caulim e o biodiesel.

## **2. Remando rumo às narrativas dos descendentes de escravos**

O engenho do Calixto foi um empreendimento de grande importância para a economia regional, nacional e internacional, onde o açúcar e a aguardente foram os maiores expoentes econômicos com mão de obra escrava do século XIX, cuja produção era destinada a Portugal.

As narrativas orais dos descendentes da escravidão na fazenda do coronel José Calixto, tem como ancoradouro o paradigma da História Oral, enquanto pressuposto teórico-metodológico capaz de penetrar nas profundezas das memórias dos narradores e trazer para o

tempo presente fios do passado tecidos nas lavouras de plantação e colheita da cana-de-açúcar, no plantio de arroz, no rangido das engrenagens da moenda, na extração do óleo de mamona, bem como nas torturas cotidianas e, também, na esmolação que faziam durante a festividade do Divino Espírito Santo que ainda hoje se mantêm no emaranhado das lembranças dos narradores descendentes de escravos do engenho daquela época, muito bem conservado na memória da narradora:

O coronel Calixto liberou seus escravos para fazerem a esmolação, né? tava nu período da festa do Divino Espírito Santo, aí eles se foram, subiam, e desciam o rio, em busca de donativos, ia com o Espírito Santo, que era o santo protetor deles, do Calixto. Aí num certo dia, eles vinho na canua, e ela viru, a canua. Viruno rio e o santo foi pro fundo, aí eles começaram a churar, churar... sabiam que iam sê castigados. Aí eles fizeram uma promessa que se o santo aparecesse eles ia pagar uma promessa, aí quando eles já tavo se arrumando na canua para ir embura, sabia que iam serem surrados, aí quando olharam para a água, ouviram um brubulhado, um brubulhado...era o santo que vinha subindo, vei,vei, vei...na flor da água, aí eles pegaram e sairo beijando o santo, e fizeram uma grande festa...(Dona Bahia, 68 anos, residente em Santana do Capim, 02/04/2012).

Benjamin (1985), ao discorrer sobre o narrador, tece várias considerações que nos permite refletir sobre a importância de uma das mais antigas formas de expressão popular: o ato de narrar.

Uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa distância e desse ângulo de observação. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiência (BENJAMIN, 1994, p. 200)

Para o autor a narrativa é uma experiência acumulada ao longo das vivências e tem como matéria-prima o que se pode recolher da tradição oral. Na concepção de Benjamin, narrar é intercambiar experiências, é tecer um fio que se alimenta cotidianamente nos fios da memória, construindo redes com o tempo, como no trabalho manual, mas lembremos de que intercambiar implica, sobretudo, compartilhar experiências narráveis que podem circular entre os pares. O filósofo considera a arte de narrar uma forma artesanal de comunicação. É

artesanal tanto quanto fazer canoas, preparar farinha e construir camboa<sup>1</sup> para pescar, práticas cotidianas de mulheres e homens descendentes do engenho do Calixto.

Thompson (1998) em sua sapiência ao eleger a História Oral como aproximação entre pesquisador e narrador com a intenção de legitimar a oralidade como um novo paradigma necessário para a construção de fontes orais, nos ensina que a

fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de toda memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta. Se assim é, por que não aproveitar essa oportunidade que só nós temos entre os historiadores, e fazer nossos informantes se acomodarem relaxados sobre o divã, e, como psicanalistas, sorver em seus inconscientes, extrair o mais profundo de seus segredos? (THOMPSON, 1998, p.186)

Dessa forma, o autor enfoca o fenômeno mnemônico como elemento básico para o estudo da oralidade, e nos convida a tirar do anonimato sujeitos ou testemunhas que, de certa forma, foram excluídos da História e produzir a construção de novas perspectivas a partir desses sujeitos que ficaram ocultos pelas grandes narrativas, como é o caso dos descendentes de escravos do engenho do Calixto.

No presente artigo trabalharemos com as narrativas escritas pelo naturalista inglês Alfred Russel Wallace na obra *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro* em 1889, bem como as narrativas orais dos descendentes de escravos e descendentes do escravizador (dono do engenho), a fim de percebermos a concepção de versão, ou seja, uma nova possibilidade de construir perspectivas diferentes da história oficial construída por Wallace sobre a escravidão quando da sua visita ao engenho do Calixto às margens do rio Capim.

Abordaremos a problemática da escravidão levando em consideração a construção da narrativa do naturalista, visitante do Senhor Calixto em 1879, pensando como a questão racial foi construída em sua crônica, favorecendo o mito da democracia racial ou da “história incruenta”, onde o fenômeno da escravidão no engenho aparenta ter acontecido sem derramamento de sangue e sem torturas, ou seja, a relação pregada pelo naturalista estava pautada em acordos e alianças entre os escravos do engenho e o senhor Calixto, relação que hoje se reflete em um rio de silêncio, o que Michael Pollak(1989) nos ensina que

existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombras, silêncios, “não-ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e

---

<sup>1</sup> Popularmente conhecida como curral de peixe.

estão em perpétuo deslocamento com o esquecimento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de expor a mal-entendidos. (POLLAK, 1989, p.8)

A afirmativa de Pollak nos remete às nossas experiências no cotidiano da pesquisa, pois quando eu apresentava minha proposta de estudo ao piloto da rabeta que nos conduzia ao local da pesquisa, causou espanto e reprovação que o motivou a fazer a seguinte pergunta: “E quem disse que lá no Calixto existiu escravidão? Mas... de cativo? Se bem que lá existe mesmo uns negros...”(Sr. Carlos, 02/04/2012). Logo percebemos que a escravidão no engenho do Calixto é um ponto doloroso de se narrar entre os membros da comunidade, devido à repressão sofrida pelos escravos que vejo repassada aos seus descendentes, uma vez que são estes quem conservam em suas memórias traumas, momento em que pensei encarar a prática de ouvir as narrativas dos sujeitos de forma terapêutica a partir da prática da rememoração.

Falar da memória dos escravos e escravizados é, antes de tudo, falar de uma faculdade humana de conservar estados de consciência pretéritos e tudo o que está relacionado a eles, a partir das representações sociais daquele grupo. Dessa forma, concebemos a memória como o ato de recordar. No nosso estudo, as recordações do dono de engenho, da casa grande, do trabalho forçado nos moinhos de cana e de beneficiamento de arroz, dos lugares de torturas e do rio é memória de alguém, de um indivíduo. Ela (a memória) se refere, antes de tudo ao Eu, ao olhar que as pessoas construíram a respeito de si mesmas, da identidade, portanto, de quem efetivamente lembra memória permeada pelo subjetivismo. Além de se processar individualmente, a memória é também, por outro lado, social.

Maurice Halbwachs (1990, p. 86) sustenta a tese da memória coletiva, nos ensinando que toda memória se fortifica em identificações do grupo, onde recordamos nosso passado a partir das experiências com os membros dos grupos sociais, demonstrando que tanto o social está inscrito na memória individual como esta encontra-se imbricada na memória social enraizada no coletivo.

Construída sobre as experiências vividas, a memória dos descendentes do engenho do Calixto se concretiza naquilo que é a argamassa, o cimento, a tessitura profunda dessas vivências: a linguagem. A linguagem cotidiana, seus léxicos e suas sintaxes fornecem possibilidades daquele povo de exteriorizar sua memória, através de narrativas que se transformam em versões.

### **3. O engenho do Calixto, seus narradores e suas narrativas.**

Narrar é tecer um fio de acontecimentos que se constroem através das ações de personagens em um lugar que se determina num determinado tempo. Todorov (2006) considera que a narrativa

se constitui na tensão de duas forças. Uma é a mudança, o inexorável curso dos acontecimentos, a interminável narrativa da “vida” (a história), onde cada instante se apresenta pela primeira e última vez. É o caos que a segunda força tenta organizar; ela procura dar-lhe um sentido, introduzir uma ordem. Essa ordem se traduz pela repetição (ou pela semelhança) dos acontecimentos: o momento presente não é original, mas repete ou anuncia instantes passados e futuros. A narrativa nunca obedece a uma ou a outra força, mas se constitui na tensão das duas. (TODOROV, 2006, p. 20-21).

Para o autor, a narrativa está ligada à história, a sucessão de acontecimentos que se ligam à relação entre passado, presente e futuro, relação resultante da tensão entre duas forças (constância e inconstância dos fatos). Desta forma, a concepção atribuída pelo autor sobre narrativa é histórica e se liga ao discurso, porque se liga à vida real, a acontecimentos que ocorreram com personagens que se confundem com a vida real. É também discurso, pois existe um narrador que conta a história a um leitor ou ouvinte. O autor destaca também que na narrativa o momento presente não é aquele em que os fatos narrados aconteceram, mas ser o tempo do passado, um tempo que fala do tempo guardado na memória, que para Zumthor (1993, p.139) possui dupla função: coletivamente fonte de saber e, para o indivíduo de esgotá-la e de enriquecê-la.

A partir dessas considerações, construímos nosso trabalho aproximando as duas narrativas sobre o engenho do Calixto: uma escrita, narrada por Wallace na obra *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro* e outra narrada por dona Iraci (61 anos) e dona Baia (68 anos).

#### **3. 1. Entre memórias: Wallace e Dona Iraci**

Alfred Russel Wallace (1823 – 1913) Filho de Thomas Wallace e Mary Ane Greenel frequentou a escola de Hertford até os problemas financeiros de sua família, aos 14 anos de idade, período em que passou a trabalhar como pedreiro, contribuindo como convinha aos filhos de proletários da Inglaterra, para o seu subsídio para o sustento da família, segundo Perrot (1991, p. 110). Com isso, deu continuidade aos seus estudos de maneira informal. A partir de 1837, Wallace passou a residir em Londres vivendo com seu irmão John, nesse ínterim assistiu as discussões de cunho público e familiarizou-se com as ideias do socialista Robert Owen (ideólogo do socialismo utópico). Trabalhou como aprendiz de William Wallace com topografia e engenharia de construção civil até 1843. A experiência de percorrer em vários lugares da Grã-Bretanha permitiu-lhe conhecer o modo de vida e a condição socioeconômica da classe trabalhadora e dos problemas daquele país. A função de topógrafo o auxiliou a adquirir habilidades de cunho comercial e conhecimentos, particularmente no que diz respeito a confecções de mapas, desenho de prédios, de trigonometria, de construção, agricultura, mecânica e química. Além dessas habilidades, Wallace apreciava trabalhar envolvido com pesquisas sobre História Natural, criando aos pouco interesse pela botânica, despertando posteriormente interesses em conhecer as regiões tropicais, inclusive pela região amazônica.

Assim como os demais naturalistas e viajantes que estiveram na Amazônia, Wallace veio coletar animais e plantas devido o interesse em buscar respostas às questões da história natural. Uma das razões para o deslocamento era a imagem que tinha dos trópicos, baseado, inclusive em relatos de outros viajantes como *A Voyage uptheriver Amazon*, de William Edwards, publicado em 1847, resultante do imaginário que aquele autor tinha sobre a grandeza da floresta, a variedade de espécies. Isso fazia o naturalista acreditar que na Amazônia existia uma variedade que iria contribuir para o avanço da história natural.

Wallace incluiu os nativos da Amazônia. Em descrições amplas, o naturalista descreve desde as vestimentas até os hábitos alimentares de populações indígenas e negros escravizados, cujas formas estéticas dos nativos eram justificadas pelas condições climáticas ou porque estivessem em “um estágio incipiente de civilização” (WALLACE, 1979, p. 313).

O autor descreve sua versão sobre o Engenho do Calixto no Capítulo V, intitulado *Rios Guamá e Capim em Viagens pelo Amazonas e rio Negro*.

Sobre a descrição do dono do engenho, Sr. José Calixto, Wallace o descreve da seguinte maneira: “Era um tipo robusto de homem, de aspecto bem humorado e aparentando não ter mais trinta anos de idade” (WALLACE, 1879, p. 159).

A arquitetura do engenho é descrito da seguinte forma:

Tudo era feito de pedra, e o moinho, ligado às outras construções por meio de arcos, estava situado no centro ficando a um lado dele os armazéns e oficinas, e do outro lado a residência do proprietário. Havia uma galeria ou varanda ligando as duas alas do edifício no andar térreo, dando, aos fundos, para o moinho que se via dali com a sua grande rodada de agia e janelas de pedra, em toda a extensão do edifício. (WALLACE, 1879, p. 159)

Sobre a quantificação da mão escrava o naturalista descreve que o Sr. Calixto possuía cerca de cinquenta escravos de todas as idades, e cerca de outros tantos índios, que trabalhavam nas lavouras de cana e de arroz, nos moinhos e a bordo das canoas (WALLACE, 1879, p. 159).

O diferencial dos demais engenhos ao longo do rio Capim e o do Sr. Calixto está na diversificação das atividades desenvolvidas que não se limitavam apenas à produção de açúcar e da aguardente, conforme descrito:

Ele fabricava açúcar e cachaça, de preferência esta última, que oferece maior margem para lucros. Ali mesmo, realizava ele toda sorte de serviços: tinha sapateiros, alfaiates, carpinteiros, ferreiros, construtores de canoas, pedreiros, quer escravos, quer índios, alguns dos quais sabiam mesmo fabricar boas fechaduras para portas, malas e caixas e vários utensílios de folhas-de-flandres e de cobre. (WALLACE, 1879, p. 159)

Em sua narrativa sobre a relação entre o senhor e o escravo, Wallace constrói sobre o Sr. Calixto a ideia de um senhor bondoso e paternalista, cujas relações entre seus escravos aconteciam de maneira pactual e acordada entre ambos, renunciando a luta de classes entre dominador e dominante, conforme descrita:

Todas as tardes, ao pôr-do-sol, todos os trabalhadores sobem até onde está o Sr. Calixto, para lhe dizerem “boa-noite” ou pedir-lhe a “benção”. Ele fica comodamente sentado em uma cadeira, na varanda, e cada um que passa faz-lhe a saudação, de conformidade com a sua idade ou classe. Os índios geralmente se concentravam em dizer-lhe “boa-noite”. Os mais jovens e a maior parte das mulheres e crianças, tanto índias como escravas, estendendo o braço, diziam-lhe “Sua bênção”, ao que ele respondia: “Deus te abençoe”, fazendo ao mesmo tempo o sinal da cruz. Outros – e estes eram na maior parte os negros velhos repetiam gravemente: Louvado seja o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo!” aos quais ele replicava, com igual solenidade “para sempre”. As crianças de todas as idades, ao avistarem os pais pela manhã, ou, então, à noite, ao se despedirem, nunca deixam, pela mesma maneira, de pedir-lhe a bênção, o mesmo fazendo invariavelmente com qualquer pessoa estranha, que esteja na casa. É essa a saudação habitual das crianças, o que tem um agradável efeito. Os escravos aqui são todos notadamente bem

tratados. O Sr. Calixto me assegurou que ele compra escravos, mas nunca vende nenhum, senão como última punição por conduta incorrigivelmente má. Eles têm descanso nos dias santos principais, que são por vezes festejados, e, nestas ocasiões, mata-se um boi e distribui-se cachaça, o que muito os alegra. Todas as tardes eles lá se reúnem e fazem-lhe então vários pedidos: - um precisa de um pouco de café e de açúcar para a sua mulher, que está adoentada; outro necessita de um novo par de calças ou de uma camisa; um terceiro está de saída para o Pará, em canoa, e que um mil reis para comprar alguma coisa. Esses pedidos sempre são atendidos, e o Sr. Calixto informou-me que ele nunca achou motivo para recusar. (WALLACE, 1879, p. 160).

As narrativas orais contadas por dona Iraci e dona Baia sobre a escravidão no engenho do Calixto são narrativas que nascem da memória, que remetem a fatos passados, alguns de um passado não tão próximo do lugar e do tempo que se traduz pela voz, pelo olhar e pelas pausas que tem suas memórias juntadas aos acontecimentos e os transforma em história de vida construída pelo tempo, o tempo da memória, que é trazido pela solicitação que se contassem histórias sobre a escravidão no engenho do Calixto:

Num...Num tem uma gruta lá? Pus é. Isso era uma calha que a gente chamava. Aí aquela água espirrando, quando a gente vinha ali em cima, a gente olhava, era uma cabeça de bicho que vinha espirrando, então uma cobra! Agora parú tudo. Olha aqui... aqui nessa ilha... Nessa ilha tinha um bicho. Quando galo contava primeiro co-co-ro-cu, aquilo fazia truum! A modo que trimia a terra e a gente sentia. Aquilo fui, fui...desapareceu, e aí começou cair tudinho a modo a areia. Acho que se mudou daí... Era bem aqui no bico dessa ilha. Aqui (apontando para a ilha) sentia que tremia a modo, sim! Era galo cantar, podia prestá atenção! Aí olha, fui... fui... nunca mais ninguém viu, ih! Faz muito zano, já, aí, oh! (IRACI JESUS DE ALMEIDA, 02/04/2012).

Além de ser narrativas da “vida”, conforme Todorov (2006), as narrativas orais também são histórias de vida, resultado de quem um dia as ouviu. Essas histórias não começam com um “naquele tempo” marcando a atemporalidade do ocorrido como encontramos nos mitos de origem, porque são histórias cujos personagens são protagonizados pelos herdeiros de um lugar e de um tempo bem definidos.

O engenho do Calixto é o lugar de referência do presente trabalho. É no lugar que se tecem as narrativas e as experiências. O lugar pode ser entendido como o palco onde acontece o encontro das águas do passado com as do presente, entre a história e a memória. Para Milton Santos (2008, p. 322) “no lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum”. As histórias de vida (no tempo passado) e da vivenciada no presente são registrados pela memória do lugar em que acontecem os fatos lembrados.

O Engenho do Calixto é hoje uma região do rio Capim que está dividida pelas comunidades ribeirinhas Boa Esperança I e II, Nova Esperança, Santa Maria, Aningal e Siriri, lugares onde até hoje encontram-se vestígios do prédio, dentro da mata e furos do rio Capim. É relevante a dimensão espacial da base das paredes, ainda observável no solo encharcado, construídas de pedras moldadas, como também é relevante a falta de tratamento que o poder público apresenta sobre esse patrimônio histórico da região, pois observei as dilapidações das paredes e das peças de ferro do cais de arrimo da vila de Santana do Capim (localidade próxima).

Relembrar o lugar e descrevê-lo é um exercício importante para o narrador. Situar onde se passou cada cena possibilita ao contador dar maior veracidade ao que ele conta. Permite também que ele não perca os traços da história. Ficam presentes as imagens, as configurações e as representações do tempo vivido e imaginado do lugar, pois da memória quando a narradora conta sua versão. O lugar vivido tem seu espaço reservado à memória dos velhos. Eles não apenas contam sobre o lugar, eles contam o lugar e se colocam no lugar como sujeitos vivos do espaço do local, de uma história local que dá sentido às novas versões da história, que se tinha como oficial. O contador/narrador passa a ser concebido como testemunha de um tempo vivido num lugar em transformação. Assim o foi no tempo de Wallace, no tempo do Sr. Calixto, dos escravos, assim como o é no tempo de dona Iraci e de dona Bahia. E ao contar sobre o lugar vivido, os “*guardiões da memória*” permitem aos que o ouvem construir uma imagem do ontem e relacioná-lo ao hoje. Dessa maneira a fez dona Iraci ao recordar os contos de sua avó e sua mãe sobre o engenho do Calixto, quando me recebeu em sua casa de farinha, “torrando” farinha e sem interromper seu trabalho, narrou:

Tinha arruz aqui, arruz e cachaça. Ia daqui pra lá pra Belém. Aí... Aí... ficaram já com inveja dele, daí vieram matar ele. Vieram matar o dono daí. Aí avisaram. Ele foi se esconder aí pra fora do Caratateua. Aí eles foram se esconder pra lá, o dono daí. Aí vieram, baldiaro gasolina e queimaram Tinha arruz, cachaça... Ia daqui pra lá pra Belém. Aí... Aí... ficaram já com inveja dele daí, aí vieram matar ele. Vieram matar o dono daí. Aí, até estourava os telhados, telhas e vuavam cacaria. Não é mentira que tu contando... A minha mãe com a minha vó que me contava, né? Uma história. Tipo uma história, né? Aí vuava, quando tava estorando lá, avuava tudo pro lado dali do rio, pro lado do meu avô, porque olhe uma telha que estorar, meter fogo assim a peso de gasolina, até outra coisa né? Aí estourava aquilo... Vai avuando. Tudo isso a minha avó contava... Aí o menino nem morreu, o dono daí, porque ele foi se esconder pra lá com a mulher dele. Aí só metêro fogo e queimou tudo, tudo o que eles tinham... Era! Ela contava pra mim que fui assim para acabar pro outro lugar. Ia daqui arruz de beneficiado, cachaça tudo cheio de vasilhas

em barril, nas garrafas. Você tá entendendo? As mulheres escravas... Eles butavo pimenta nelas amarradas nos cascos... Butavo pimentas nelas! As mulheres tiravo dois pacotão assim de iscoisa... Tiravo duas latas assim de carrapato. Você sabe o que é carrapato, que tira óleo, óleo de carrapato? Butavo elas pra sucuar antes de escurecer, já tinha de tá tudo engarrafado. Que elas não sucassem elas apanhavo uma piza... Era no tempo da escravatura que eles chamavo, nera? Agora num tem escravo. Tem diferente, se tivesse escravo, se fosse dantes como tem muita gente revelados, gente.... que não atende ninguém era capaz até de matar, nera? E nesse tempo era... Tinha uma empregada que ela engravidou no poder deles, aí eles não deixava ela dar leite pro menino. (Iraci de Jesus Carvalho, 61 anos).

Entre as narrativas de Wallace e as narrativas das descendentes de escravos encontramos verossimilhança dos fatos entre o espaço e o tempo, no entanto, um fator não se faz presente nas narrativas do naturalista: as descrições das torturas sofridas pelos escravos, como nos narrou dona Iraci a respeito dos castigos com pimentas e o trabalho forçado, além do trabalho da moagem da cana, a extração do óleo de mamona.

Por que Wallace não descreveu sobre estes detalhes nas suas narrativas? É importante observarmos o lugar de enunciação que o autor está inserido, e o seu próprio contexto. Trata-se de um europeu (caucasiano) que partiu da Inglaterra, no período em que o desenvolvimento econômico e as ideologias desenvolvimentistas se expandiam no mundo, inclusive aos países “subdesenvolvidos”, portanto, é provável que olhar para o trabalho do negro no século XIX não desperte sensibilidades suficientes capazes de relatar as torturas sofridas no engenho, sendo que estas vêm em turbilhões na oralidade dos descendentes do engenho do Calixto, tendo suas obras se destacada como a chamada *literatura escrita tradicional* que Bosi (1992, p. 308-345) considera como aquela dita “elitizada”, escrita, privilegiada nas universidades e fora delas; literatura essa que por algum tempo se transformou em instrumento de poder que invisibilizou os sujeitos que também protagonizaram/protagonizam a história do cotidiano.

Vale ressaltar que não invalidamos a narrativa de Wallace pois compreendemos que ela teve o papel de guardar através de sua crônica a memória do engenho, enquanto patrimônio cultural, porém, entendemos que o que o naturalista escreveu não pode ser considerado como a única verdade e tampouco desprovida de cargas ideológicas, pois a versão dos descendentes de escravos ultrapassa o limite geográfico, mantendo na sua essência o passado, ainda que se tenha subtraído ou acrescentando no decorrer do tempo. Lembramos que a subtração de um fato ou seu acréscimo numa narrativa, não nos dá o direito de tê-lo como verdade absoluta e sim como uma versão ou uma possibilidade do que tenha ocorrido num determinado tempo ou num determinado lugar num fato mnemônico.

## À guisa de conclusão

No século XXI (ocasião dessa pesquisa) só podemos compreender o engenho do Calixto como versão a partir de suas narrativas ancoradas na base teórico-metodológica da história oral e nas narrativas contadas pelos descendentes de escravos que lá residem.

## Referências

- BARTHES, Roland. [ET AL.] **Introdução à análise estrutural da narrativa**. Tradução Maria Zélia Barbosa Pinto. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. **Cultura brasileira e culturas brasileiras**.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Vértice, 1990.
- ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a literatura medieval**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro. São Paulo: Cia. das letras, 1993.
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, vol. 2, n, 3. Rio de Janeiro, 1989
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Tempo e técnica. Razão e emoção**. 4ª. Edição. São Paulo: EDUSP, 2008
- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia Antiga**. Tradução Joana Angélica D`Avila Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.
- MICHELET, Perrot. **História da Vida Privada**. In Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Trad. Bernardo Joffily. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991